

O Inédito Braga Montenegro

JOSÉ EURÍPEDES MAIA CHAVES JÚNIOR*

Aos amigos Angela Gutiérrez e Flávio Leitão

 calendário assinala quase quatro decênios do falecimento, em 20 de novembro de 1979, do ficcionista e mestre da crítica literária, Joaquim Braga Montenegro, cearense de Maranguape, nascido a 28 de fevereiro de 1907. Havia ido ele a Buenos Aires, para tratamento especializado de um mal insidioso que o atormentava havia uma década – a Doença de Parkinson. Partiu esperançoso de cura daquela *paralisia agitada* que o impossibilitava, inclusive, de escrever; mas quis o destino que não mais retornasse com vida ao convívio dos seus familiares, amigos e admiradores. Seus restos mortais repousam no Cemitério São José, do bairro Parangaba.

Estreou literariamente em 1946, com a coletânea de contos **Uma Chama ao Vento**, duplamente premiada (Prêmio *Aequitas*, livraria de Fortaleza, 1945 e Prêmio *Afonso Arinos*, 1947, da Academia Brasileira de Letras). No ano de 1980, a Imprensa Universitária da UFC tirou-lhe uma segunda edição, com um tocante prefácio do seu amigo e imenso poeta Francisco Carvalho (1927-2013). Ainda no terreno da ficção, publicou um conjunto de seis excelentes novelas de motivos amazônicos sob o título **As Viagens** (1960), abrindo o volume com um interessante estudo sobre a teoria do gênero novela. Em 1976, a Secretaria de Cultura do Estado publicou **As Viagens e Outras Ficções**, volume reunindo as novelas de **As Viagens**, em segunda edição, três contos d'**Uma Chama ao Vento**, e uma terceira parte denominada *Contos Derradeiros*, onde se incluem mais cinco histórias curtas não inseridas em livro.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Todavia, foi na *crítica literária* que Braga Montenegro se revelou uma autoridade incontestável e amplamente festejada. Fazemos nossas as palavras de Otacílio Colares (1918-1988), outro dos nossos grandes na poesia e na ensaística: “(...) mestre Braga Montenegro fez o conto com aprumo; deixou a meio um romance autobiográfico. Mas na crítica é que está a perenidade de seu nome e do seu labor”.

Num dos exemplos mais eloquentes de autodidatismo da nossa história literária, Braga Montenegro não chegou a concluir o antigo curso primário. Passando por dificuldades financeiras e uma precoce orfandade paterna, embarca muito jovem, aos 18 anos, para o Amazonas a fim de trabalhar com um tio comerciante, realizando, então, intermináveis e numerosas viagens nos *gaiolas* da linha Manaus-Cachoeira do Samuel-Porto Velho. Aproveitava o tempo ocioso a bordo para adentrar-se na instrutiva selva dos clássicos da língua portuguesa e outros estudos, incentivado por amigos literatos que havia conquistado na capital amazonense, todos colaboradores, assim como ele (sob o pseudônimo de Léo Silva), da revista *Redenção*. Participou da criação da Sociedade Literária dos Novos, na mesma cidade.

Começou daí o seu interesse pela literatura, paixão que o acompanharia pelo resto da vida. Pouco antes de embarcar para a Argentina, em 1980, numa bela e concisa profissão de fé, declarou em entrevista concedida ao jornalista e escritor Rogaciano Leite Filho e publicada no jornal *O Povo*, da *Loira Desposada do Sol*: “Não faço, nunca fiz, literatura por vaidade ou desfastio, visto que em mim toda realização literária me vem por exigência vital – aflige e dói”. A literatura era-lhe destino.

Quando do seu regresso à Fortaleza, em 1932, após o período na Hileia Brasileira, foi nomeado subprefeito do, à época, distrito de Parangaba, e, por concurso, ingressou nos quadros do Banco do Brasil, no qual veio a aposentar-se, anos depois, em elevada função hierárquica. Autodidata e determinado, lembremos uma vez mais, chegou a dominar o inglês e o francês. A Universidade Federal do Ceará fê-lo, num ato de justo reconhecimento, um seu Professor *Honoris Causa* (1970). Pertenceu à Academia Cearense de Letras (Cadeira nº 15, patroneada pelo também maranguapense Capistrano de Abreu, investido em 15 de agosto de 1951); ao Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), eleito em 04 de junho de 1955 e empossado a 25 de agosto do mesmo ano; ao Grupo CLÃ, desde a sua criação em 1943; e ao Conselho Estadual de Cultura (1966), representante titular do setor Literatura.

Discreto, algo reservado, beirando a timidez, jamais ostentou o seu amplo conhecimento da literatura e seu arsenal técnico no assunto. Abeberou-se nos grandes nomes da crítica e história literárias, nacionais e estrangeiros, antigos e modernos, para neles colher, com a sua inteligência especulativa e sensível, o substrato formador de sua abordagem analítica e valorativa do fenômeno literário nos seus mais variados aspectos. Fez a crítica literária com profundidade, sobriedade e honestidade admiráveis. Em tempo algum se deixou dominar pelo sentimentalismo impressionista, nem mesmo quando abordava autores contemporâneos ou do seu círculo de amizades. Braga Montenegro “desconfiava das eloquentes palavras e dos grandes gestos”, para usar uma expressão de Temístocles Linhares sobre o temperamento de Moreira Campos (1914-1994), o nosso contista maior.

Como crítico literário, colaborou em periódicos locais e de vários estados, destacando-se a coluna quinzenal que manteve por longo período para o suplemento literário do prestigioso *O Estado de São Paulo*. Não sofria do que Valdemar Cavalcanti chamava de “hemorragia verbal”. Dir-se-ia que ele possuía acentuado escrúpulo da publicação em livro. Trouxe à luz da publicidade duas séries do magistral **Correio Retardado (I e II)**, em 1966 e 1974, respectivamente. Subintitulados *Estudos de Crítica Literária*, o primeiro volume reúne vinte e seis ensaios críticos exclusivamente sobre obras e autores cearenses. O segundo inclui, além dos prefácios que Braga Montenegro escreveu para reedições especiais de ícones de nossa literatura, tais como **Iracema**, de José de Alencar, e **Terra de Sol**, de Gustavo Barroso; comentários sobre Eduardo Campos, Herman Lima, Antônio Sales, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Sânzio de Azevedo; e uma segunda parte, com agudíssimos estudos sobre André Gide, Joseph Conrad, Rainer Maria Rilke, Emily Bronte e Luigi Pirandello.

Acreditamos, com plena convicção, que as duas publicações acima citadas contêm alguns dos melhores ensaios críticos que já foram escritos no Brasil, em qualquer tempo. Sua obra crítica é acrescida ainda de duas separatas da revista *Clã*: **Araripe Junior – Subsídio para um estudo e Evolução e natureza do conto cearense**; além da organização e estudo introdutório das antologias: **José Albano (poesia)**, para a conhecida coleção *Nossos Clássicos*, da Livraria AGIR Editora, 1958, e **Uma Antologia do Conto Cearense**, 1955, editada pela Imprensa Universitária da UFC, em 1965.

A obra publicada por Braga Montenegro no campo da crítica e análise literárias seguramente não perfaz a metade do que o escritor

produziu nessa área que dominava com invulgar segurança e talento. Ele mesmo, no prefácio ao **Correio Retardado II** informou ter retirado o material das duas séries “de um acervo maior de mais de mil folhas datilografadas”. O seu inédito epistolário (correspondência ativa e passiva) deverá albergar rico material de pesquisa, a merecer organização seletiva e impressão gráfica. Tais constatações justificam o título que encima este nosso modesto comentário.

Impõe-se, pela tardança do ineditismo e com vistas ao engrandecimento da literatura cearense, para não dizer nacional, que as nossas entidades culturais e/ou educacionais, públicas e privadas (Universidade Federal do Ceará, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Academia Cearense de Letras, Instituto do Ceará, Casa Juvenal Galeno, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, Secretaria de Cultura de Fortaleza – SECULTFOR, Fundação Cultural de Fortaleza, o INESP da Assembleia Legislativa do Ceará etc.) promovam com urgência a cópia desses originais - que se encontram sob os cuidados da filha do escritor, Sra. Maria Isaura Montenegro de Holanda - para uma escolha criteriosa e sistemática; bem assim, inadiável publicação em livro (quantos necessários) de tão opulento e valioso manancial; antes que o mesmo caia no indesculpável esquecimento; se extravie nas trilhas do tempo; ou se esfacele, irremediavelmente, pela ação voraz das pragas ou do bolor.

Poderiam ser tiradas novas séries do **Correio Retardado**. Nelas dever-se-iam incluir ainda os trabalhos que o crítico fez publicar em revistas como *Clã*, *Revista da Academia Cearense de Letras*, *Valor e Aspectos*, dentre outras; o capítulo que o mesmo escreveu para o 3º tomo de **A Literatura no Brasil**, organização de Afrânio Coutinho; o estudo sobre a atualidade literária no Estado, incluso na 3ª edição de **O Ceará**, de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho (1966); além dos prefácios e apresentações mais recentes. Não obstante frequentar com regularidade as sessões do citado Instituto do Ceará, curiosamente não nos legou qualquer colaboração na *Revista* da vetusta associação.

Bem a propósito, lembremos que o grande [Tristão de Alencar] Araripe Júnior (Fortaleza-CE, 1848 – Rio de Janeiro-RJ, 1911) não passaria hoje de uma discreta referência nas histórias da nossa literatura ou um verbete a mais nos dicionários especializados, não fora o trabalho beneditino do já citado Afrânio Coutinho, colhendo em velhos jornais e revistas o material com que comporia a monumental **Obra Crítica de Araripe Júnior**, em cinco alentados volumes.

Justiça seja feita a Joaquim Braga Montenegro, militante dedicado e valoroso da crítica literária por mais de três décadas, fazendo daquilo que Almeida Fischer chamou com muita felicidade de “áspero ofício”, talvez a sua maior motivação existencial. A memória de Braga Montenegro é imperecível, pelo inestimável legado que nos deixou. Uma curiosidade relevante: cultivava com muita habilidade o *hobby* da marcenaria e da encadernação de impressos. Foi pintor bissexto e escreveu comentários e críticas sobre as artes plásticas no Ceará, mantendo sólida ligação de amizade com o grupo de integrantes da extinta SCAP (Sociedade Cearense de Artes Plásticas) e os promotores do tradicional Salão de Abril, do qual fez alguns pronunciamentos inaugurais.

Após a partida definitiva de Braga Montenegro, os seus descendentes alienaram, por valor mais ou menos simbólico, ao complexo cultural Casa de José de Alencar da Universidade Federal do Ceará, no antigo Sítio Alagadiço Novo – Messejana, cerca de cinco mil livros (de consagrados autores, autografados e encadernados, em sua maioria) e estantes de madeira (por ele mesmo talhadas com esmero) de seu acervo particular, para constituírem a *Biblioteca Braga Montenegro* em sala reservada para essa finalidade. Um excelente óleo sobre tela retratando o homenageado, da autoria do pintor cearense Carmélio Cruz, orna uma das paredes da mesma.

Fortaleza, 20 novembro de 2017.